

MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA GERUZA ZELNYS DE ALMEIDA,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO SANDRA MAYUMI MURAKAMI
MEDRANO, DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC



fontANAR

MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA GERUZA ZELNYS DE ALMEIDA,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO SANDRA MAYUMI MURAKAMI
MEDRANO, DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

LIVRO

**NÃO PARAREI DE GRITAR:
POEMAS REUNIDOS**

AUTOR

CARLOS DE ASSUMPÇÃO

ORGANIZADOR

ALBERTO PUCHEU

TEMAS

**CIDADANIA;
DIÁLOGOS COM A SOCIOLOGIA E
COM A ANTROPOLOGIA**

GÊNERO LITERÁRIO

POEMA

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Revisão

Ana Luiza Couto

Adriana Moreira Pedro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Almeida, Geruza Zelnys de

Material digital do professor — Não pararei de gritar /
Geruza Zelnys de Almeida ; coordenação de Sandra Mayumi
Murakami Medrano ; CEDAC. — 1ª ed. — Rio de Janeiro :
Fontanar, 2021.

Bibliografia

ISBN 978-85-5699-000-6

1. Literatura – Estudo e ensino I. Título II. Assumpção,
Carlos de. Não pararei de gritar. III. Medrano, Sandra
Mayumi Murakami IV. CEDAC

21-0699

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura – Estudo e ensino 372.64044

2021

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA FONTANAR LTDA.

Praça Floriano, 19 — Parte sala 3001

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

SUMÁRIO

Apresentação, 5

Carta, 6

Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa, **9**

Pré-leitura, 12

Leitura, 13

Pós-leitura, 23

Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento, **26**

Arte e Educação Física, 26

Língua Inglesa, 28

História e Geografia, 30

Sociologia, 32

Filosofia, 33

Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra, **37**

Sugestões de referências complementares, **42**

Bibliografia comentada, **43**

Obras citadas, **45**

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *Não pararei de gritar*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra.

Ele é composto dos seguintes itens:

1. Carta: conversa coloquial que contextualiza a obra e dados biográficos do autor, além de apresentar sua importância para a vivência literária no Novo Ensino Médio.

2. Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa: sugestões para o encaminhamento do trabalho antes, durante e após a leitura.

3. Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento: sugestões voltadas a professores de outros campos do saber para trabalhar a obra literária em atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

4. Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra: subsídios e orientações que auxiliem o professor a exercitar sua leitura crítica, criativa e propositiva, articulando a expressão literária com outras produções e também com a experiência individual e social.

5. Sugestões de referências complementares: indicação de fontes diversas que podem enriquecer a experiência de leitura desta obra.

6. Bibliografia comentada: apresentação das obras usadas para elaborar este manual, com um breve comentário.

7. Obras citadas: lista com as referências citadas no texto.

Este material foi produzido com a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em favorecer a análise dos aspectos literários da obra, mas também em propor situações com o livro no contexto escolar, situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico. O material também contou com a leitura crítica de toda a equipe envolvida na produção editorial.

A intenção foi indicar caminhos para que você, professor, possa mediar uma experiência literária que seja significativa aos estudantes, ampliando as condições para apreciarem esta e outras obras.

Esperamos que receba este material como um convite ao diálogo entre você e o livro, entre você e os estudantes.

Bom trabalho!

CARTA

Cara professora, caro professor,

Há séculos discute-se no Brasil e no mundo o lugar do negro na sociedade. Na contemporaneidade, finalmente o movimento negro tem conseguido, a duras penas, estabelecer-se como voz, com movimentos mundiais como Black Lives Matter (Vidas Negras Importam). Todavia, ainda estamos longe de uma democracia racial e é nesse espaço de discussão imprescindível que se encontra a obra *Não pararei de gritar*, de Carlos de Assumpção, poeta brasileiro, afrodescendente, ainda vivo e considerado ícone da resistência negra no Brasil, no auge dos seus 93 anos de idade.

A construção da identidade de um povo e de uma nação não se faz por um viés único e parcial, portanto é fundamental que os jovens leitores do Novo Ensino Médio tenham a oportunidade de criar um olhar diferenciado para a formação social, cultural e histórica do país. Nesse sentido, a literatura torna-se um canal privilegiado para estabelecer fundamentos plurais e abrir vertentes diversificadas de compreensão do mundo.

Carlos de Assumpção é, indubitavelmente, o maior escritor vivo da literatura negra no Brasil. No entanto, ainda é para muitos um poeta “invisível”, apesar de ter iniciado sua produção literária na década de 1950. Cabe refletirmos sobre essa invisibilidade, esse apagamento do escritor: por que isso aconteceu? Por ser negro, por ser pobre, por optar viver longe dos grandes centros urbanos, por abordar as matrizes religiosas africanas? Por colocar-se como griô (*griot*), isto é, um contador de histórias, guardião de memórias, tradições, ancestralidade e histórias orais de seu povo?

Carlos de Assumpção nasceu na cidade de Tietê, no interior do estado de São Paulo, em 23 de maio de 1927. Hoje, com mais de 90 anos, continua lúcido e atuante, usando inclusive as redes sociais para divulgar sua obra. Autor de 4 livros de poesia, entre eles o importantíssimo *Protesto: poemas*, lançado em 1982 e vencedor no mesmo ano do primeiro lugar no Concurso de Poesia Falada. O poema que dá nome à obra tornou-se um marco para a intelectualidade negra da época e foi considerado um resumo dos princípios da Associação Cultural do Negro (ACN), tendo sido publicado em inglês, francês e alemão. Assumpção também é integrante de dez antologias e teve várias participações nos *CADERNOS NEGROS*, referência na produção cultural de matriz afro-brasileira que começaram a ser publicados em 1978.

Não pararei de gritar é a reunião de seus poemas, contemplando sua obra desde *Protesto* (1982) até os poemas inéditos escritos entre 2018 e 2020. De uma contundência profunda, a obra poética estabelece **diálogos com a sociologia e com a antropologia**, por ter em seu corpo motes caros à contemporaneidade, como o preconceito étnico-racial, a busca pela identidade do negro como sujeito historicamente reconhecido como parte fundamental

na constituição do país, a desigualdade e injustiça social sofrida pelo negro, a religiosidade de matriz africana, a memória e a ancestralidade afro-brasileira. Entrar em contato com essas questões e ter a oportunidade de estabelecer diálogos profundos sobre elas em sala de aula com toda certeza influenciará no exercício mais consciente e responsável da **cidadania**.

O gênero literário escolhido pelo poeta da resistência negra é o **poema**. Não poderia ser diferente: é nesse gênero que melhor experimentamos o ritmo e a potência da voz e da performance, assim como percebemos a força do corte, ou do *enjambement*, que é o procedimento literário que visa à interrupção inesperada de um verso. É de recortes que se fez a história do negro no Brasil: a diáspora africana que trouxe os escravos para cá, a escravidão, as leis que levaram à manutenção do lugar marginalizado do negro no país, as periferias, as favelas; espaços em que a sociedade se mostra cortada entre brancos e negros, ricos e pobres e tantas outras divisões que demonstram as inúmeras desigualdades que marcam a população brasileira.

Carlos de Assumpção une tradição e contemporaneidade por sua construção estética de densa consciência e representatividade de suas raízes, de seu povo, em que vemos sua “pedagogia do grito”: pela liberdade, pelo reconhecimento, pela extinção definitiva do racismo. Sua poética convida-nos a lançar um olhar para o negro não como vítima da história, mas como protagonista de uma luta, e ao trabalhar esse livro na escola a sala de aula se torna um espaço privilegiado para uma nova e real construção identitária para nossa nação. Nesse sentido, o livro possibilita ainda estabelecer diálogos com Temas Transversais Contemporâneos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no que se refere à educação com base nas relações étnico-raciais e ao ensino de história e cultura afro-brasileiras.

A expressão “pedagogia do grito” é do pesquisador Aberto Pucheu (2020):

Há nessa poesia um grito que, provindo do passado, envia-se a um futuro, lançando-se contra o racismo que denuncia, deixando ao país sua mais que necessária pedagogia do grito como herança. O poeta nos oferece uma história do Brasil escovada a contrapelo pelo testemunho de um povo que sobrevive lutando pela justiça que vem.

Não pararei de gritar apresenta cinco obras de Carlos Assumpção. Após *Protesto*, seu primeiro livro, ele publicou sempre antologias acrescidas de inéditos. De acordo com o Posfácio de Alberto Pucheu, pesquisador da obra e organizador desse livro, “Parece que, ao longo da vida, o poeta vem escrevendo um único livro em movimentação multifacetada” (p. 170). Assim, nesse volume, tal qual suas antologias anteriores, também estão presentes nove poemas inéditos. É importante ressaltar que, embora tenham se passado mais de sessenta anos de sua primeira publicação, o escritor permanece com a mesma vitalidade literária em seu movimento de resistência negra e engajamento, mantendo-se fiel a suas afirmações de que “poesia é luta”, “é arma contra o racismo”.

É por isso que influencia toda uma nova geração de autores ligados à poesia ativista e militante, como bem pontua Pucheu: Tatiana Pequeno, Lubi Prates, Bruna Mitrano, Jarid Arraes, Adelaide Ivánova, Nina Rizzi, Natasha Félix, Elizeu Braga, Danielle Magalhães e Edimilson de Almeida Pereira e Ricardo Aleixo, por exemplo. É o próprio autor quem pontua suas maiores referências:

Gosto do Drummond de Andrade. Gosto do García Lorca. Gosto do Guillén, como já disse. Mas acho que quem mais me influenciou foram os cururueiros de Tietê. E, também, com uma quadrinha só, o Valério Correia, que só tinha uma quadrinha, que é o que restou da poesia dele. [...] Quando eu conheci Solano Trindade, eu já tinha escrito o “Protesto”, já tinha escrito muita coisa. Mas eu gosto demais dele. O Luiz Gama defendeu muitos negros que mataram seus senhores e ganhou as causas como legítima defesa. [...] Sempre gostei do Gonçalves Dias, que também sofreu preconceito. Fiz um poema, chamado “Prece”, para o Castro Alves. Eu gosto muito do Machado de Assis. Machado de Assis é um milagre. Nasceu no morro, sofreu, era gago, epiléptico, negro e venceu. Tem uma poeta que mora em Brasília, que se chama Cristiane Sobral, que eu gosto demais dela. Ela é formidável. A Miriam Alves, que esteve aqui em casa, eu também gosto dela. O melhor para mim é o Cuti. E o [Akins] Kinte. (PUCHEU, 2020)

Para conhecer mais tanto da postura combativa e de resistência política como da situação do negro no Brasil, acesse a matéria publicada no jornal *Estado de Minas*, contendo uma carta enviada pelo autor para a jornalista Márcia Maria Cruz: www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/07/17/interna_pensar,1167644/poeta-carlos-de-assumpcao-o-brasil-tem-vergonha-de-si-mesmo.shtml (acesso em: 12 dez. 2020).

PROPOSTAS DE ATIVIDADES I: ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

A leitura de *Não pararei de gritar* é fundamental para o Novo Ensino Médio e pode contribuir efetivamente para a formação leitora do estudante, pois, além de ser um livro cujos procedimentos estéticos aprofundarão conhecimentos conceituais relativos aos textos formadores da nossa cultura, ele expande e questiona o cânone da literatura brasileira.

Além disso, o **gênero poesia** é aquele em que a linguagem se fragmenta e, nesse sentido, é menos explicativo, o que propicia uma experiência estética sensível. Nos vãos entre as palavras e nos silêncios que atravessam os poemas, podemos sentir materialmente os silenciamentos e apagamentos aos quais o poeta tenta dar voz assim como fazer ver. A linguagem da poesia é a que melhor pode dar corpo ao acontecimento traumático porque abriga não ditos, esquecimento e memória.

No livro de Carlos de Assumpção tudo isso é potencializado por uma energia própria da cultura africana, cuja marca é a da resistência, mas também do fundo encantatório possível àqueles que evocam conhecimentos ancestrais. *Não pararei de gritar* é um livro que festeja a vida porque põe em evidência o corpo, o movimento, a oralidade, o ritmo — e são esses elementos que se fixam na linguagem por meio de procedimentos específicos da nossa língua e literatura que podem ser abordados pelo professor de Língua Portuguesa.

Por isso a importância dessa mediação, pois se o livro agrada quando lido autonomamente, o aproveitamento total das potencialidades da obra somente ocorrerá com o direcionamento do olhar para os procedimentos próprios da poesia, aliados ao conteúdo temático que ressoa o quanto as vidas negras importam na formação e produção socio-cultural brasileira.

O olhar para a materialidade do poema — ou do corpo do poema sobre o espaço do papel — possibilita uma discussão mais ampla sobre a relação entre o código linguístico, seus suportes e seus usos sociais e ideológicos, de modo que *Não pararei de gritar* pode abrir diálogos diferenciados para que os jovens apresentem suas reivindicações e pontos de vista acerca do mundo.

O texto de Assumpção se escreve irmanado ao grito, de dor e alegria, e convoca o corpo do leitor a se expressar também, o que acaba se tornando extremamente atrativo para o jovem leitor, que pode encontrar nas angústias e nos anseios do poeta de 93 anos identificação com questões experimentadas em seu cotidiano. A leitura compartilhada, com pontos de parada para respiro e retomada do caminho a ser seguido, permite ao leitor o espaço democrático necessário para a emancipação de sua voz e a tomada de decisões mais conscientes e cidadãs.

A leitura compartilhada acontece quando o professor lê e os estudantes seguem com o livro em mãos. É uma leitura que requer atenção do estudante ao texto escrito, ao objeto livro, à vocalização das palavras, ao corpo que partilha as histórias. É muito recomendada em todas as faixas etárias, pois proporciona modelos de leitura e promove a autoimagem do leitor.

Por tudo isso, *Não pararei de gritar* convida a um olhar atento sobre a diversidade, de modo que as aulas de Língua Portuguesa podem expandir o entendimento desses processos estéticos criando espaços para a discussão e a produção de saberes culturais. Nesse sentido, a proposta de trabalho com este livro está ligada especialmente às seguintes competências e habilidades da BNCC:

Linguagens e suas Tecnologias

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1: Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

HABILIDADES

(EM13LGG101) Compreender e analisar processos de produção e circulação de discursos, nas diferentes linguagens, para fazer escolhas fundamentadas em função de interesses pessoais e coletivos.

(EM13LGG102) Analisar visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias, ampliando suas possibilidades de explicação, interpretação e intervenção crítica da/na realidade.

(EM13LGG103) Analisar o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses (visuais, verbais, sonoras, gestuais).

(EM13LGG105) Analisar e experimentar diversos processos de remediação de produções multissemióticas, multimídia e transmídia, desenvolvendo diferentes modos de participação e intervenção social.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 2: Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em

princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

HABILIDADES

(EM13LGG202) Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.

(EM13LGG203) Analisar os diálogos e os processos de disputa por legitimidade nas práticas de linguagem e em suas produções (artísticas, corporais e verbais).

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADES

(EM13LGG601) Apropriar-se do patrimônio artístico de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de legitimação das manifestações artísticas na sociedade, desenvolvendo visão crítica e histórica.

(EM13LGG602) Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

Campo Artístico-literário

HABILIDADES

(EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

(EM13LP48) Identificar assimilações, rupturas e permanências no processo de constituição da literatura brasileira e ao longo de sua trajetória, por meio da leitura e análise de obras fundamentais do cânone ocidental, em especial da literatura portuguesa, para perceber a historicidade de matrizes e procedimentos estéticos.

(EM13LP49) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

PRÉ-LEITURA

Antes de iniciar a leitura de *Não pararei de gritar*, por ser um livro em que será bastante enfatizada a questão do ritmo nos poemas, sugerimos uma atividade sensorial na qual os estudantes serão convidados a sentir e refletir sobre o ritmo da vida.

Para dar início às atividades de pré-leitura, proponha que façam um círculo com as cadeiras coladas às paredes, de modo que, sentados no chão, ocupem o espaço vazio destinando alguns minutos para ficar em silêncio, ouvindo apenas os sons ao redor. Oriente-os a prestar atenção ao corpo, a seus ritmos, a suas intensidades, a seus movimentos involuntários. Depois, abra uma roda de conversa para trocar ideias sobre como se sentem, se sentiram desejo de comunicar algo ou de usar a voz enquanto estavam em silêncio, se conseguiriam expressar o que sentem apenas com movimentos corporais e se saberiam definir o ritmo do próprio corpo. Depois, inquiria-os sobre o modo como se comunicam: ele está de acordo com o ritmo do corpo?

Nesse primeiro momento, não é necessário fazer nenhuma definição de ritmo, utilize essa palavra naturalmente. Se alguém perguntar “como assim?”, pode dizer apenas que ritmo é movimento. Como estão se movendo esses corpos? Lentamente? De modo acelerado? Esse momento destina-se, sobretudo, a uma reflexão sobre o corpo em relação ao espaço como forma de autoconhecimento e cuidado físico e emocional.

Depois dessa atividade você pode convidá-los a assistir ao documentário *Foli: não há movimento sem ritmo*.

Foli: não há movimento sem ritmo. Holanda, 2010, 11 min.. Direção, fotografia e montagem: Thomas Roebers.

Disponível em: www.youtube.com/watch?v=IVPLluBy9CY&t=229s (acesso em: 29 out. 2020).

Nele, aprendemos com um griô do povo Malinke que a vida tem ritmo e que está em constante movimento. O ritmo — chamado foli — está na vida diária: no trabalho na aldeia, no preparo da comida, nas construções, na agricultura, nas danças, nas festas. Com

o povo Malinke, aprendemos a cadência, ou seja, o encadeamento dos sons: do machado que em golpes regulares tomba a árvore até ela cair, das pancadas que moldam o ferro do instrumento musical. Ouvimos os sons advindos do trabalho que vira música e estimula as crianças a imitarem os mais velhos e baterem em latas e galões na beira do rio. No documentário, vemos que o ritmo é a voz do corpo. Em determinado momento o griô diz: “Não vamos calar a voz da nossa cultura. Vamos mantê-la viva! Ela sobreviverá!”.

Griô e griote são o homem e a mulher que, na África Ocidental, são responsáveis por preservar e transmitir histórias, conhecimentos, canções e mitos. Os griôs são músicos ou contadores de histórias que ensinam sobre arte, plantas, tradições e histórias de seu povo.

Essa fala será importante para introduzir duas questões que aparecerão na leitura do livro *Não pararei de gritar*: como o corpo fala a cultura de um povo, ainda que essa voz tenha sido calada, e que é preciso uma escuta atenta para ouvir a sabedoria desses corpos que na cultura ocidental foram silenciados. Desde aí, é fundamental diferenciar o ato de silenciar para estar em estado de escuta e o silêncio que é feito por imposição.

Você pode pedir aos estudantes, então, que façam uma experiência em casa: ficar em estado de escuta, prestando atenção aos ritmos que atravessam a casa e seus moradores. Lembre-os de que no documentário vimos que tudo que se repete é ritmo; assim, se quiserem gravar alguma dessas repetições, poderão apresentar aos colegas para verem juntos em alguma das aulas, ainda antes da apresentação do livro. Você pode adiantar-lhes que se trata de um livro de poesia que tem como traço forte o ritmo e a vida.

LEITURA

É recomendável fazer a leitura compartilhada da maioria dos poemas do livro, afinal trata-se de um apelo ao som, ao grito, à voz desde o título. Por isso, trataremos das especificidades dos poemas que nos fazem, além de compreendê-los racionalmente, senti-los ressoar no próprio corpo, dando ênfase ao ritmo e ao silêncio. À medida que os estudantes forem se familiarizando com a leitura dos poemas, é possível revezar a leitura para que também eles emprestem o corpo e a voz aos poemas. No entanto, é fundamental que você leia os primeiros poemas, dando ênfase à performance vocal, ou seja, à transposição do texto escrito para a leitura em voz alta.

Preparem o ambiente para isso, dispondo almofadas no chão ou, se for possível, em outro local mais atrativo nas dependências da escola. Você pode orientá-los a anotar no caderno o que lhes parecer interessante após as discussões em torno dos poemas, porém é importante que isso seja livre, pois se trata de um livro que se potencializa mais com um mergulho sensível do que com cobranças conceituais.

Uma vez acomodados, conversem sobre a peculiaridade do título criando hipóteses sobre ele: por que essa afirmação do grito? Quando o grito é necessário? Quem é esse

que grita? O que esse grito guarda? Essas perguntas vão sendo respondidas à medida que se manipula o livro: na quarta capa vemos uma fotografia do autor e sabemos que o fato de ser negro o coloca numa posição de discriminação étnica-racial.

A leitura do sumário também será um marcador temporal desse grito: a edição reúne a obra completa do autor, os livros *Protesto*, de 1982; *Quilombo*, de 2000; *Tambores na noite*, de 2009; *Protesto e outros poemas*, de 2015; *Poemas escolhidos*, de 2017; e *Poemas inéditos*, de 2018 a 2020. Nota-se, portanto, que esse grito se estende por toda uma vida, até porque o primeiro livro de 1982 na verdade teve poemas lançados em 1958, conforme ficamos sabendo no texto de Alberto Pucheu:

Embora em 1958 a Associação Cultural do Negro tenha publicado “Protesto”, por dificuldades financeiras do poeta e pelo desconhecimento geral do circuito da poesia, da mídia e do meio editorial, o primeiro livro de Carlos de Assumpção só veio a público em 1982. Sem despertar a atenção, seus livros seguintes ficaram relegados à ignorância generalizada. Como, senão pelo racismo de nossa história, se explica que esse poeta fundamental não seja lido por outros poetas e por críticos, jornalistas, intelectuais, antologistas de poesia e leitores em geral? [p. 161]

O TAMBOR: LINGUAGEM, RITMO E VIDA

Com base nessa conversa inaugural, inicie a leitura da obra com dois poemas de *Protesto*: “Tambor” e “Tambor II” (p. 11 e 28). É bom treinar a leitura desse primeiro volume porque os poemas serão exemplares da poesia de Carlos de Assumpção, temática e estruturalmente. Para isso, se possível, antes de ler na sala, leia-os em voz alta e observe a entonação que os poemas pedem, assim como as paradas no fim dos versos. É verdade que a leitura poética é bem pessoal, mas se você observar como seu corpo reage aos poemas será mais fácil passar suas emoções aos estudantes.

Tambor

Tambor
dá asas a nosso *grito* contido há séculos
grita
nada de pequenos lamentos inúteis
nada de pranto
grita tambor
grita
estamos do lado de fora

com as mãos vazias
e as portas estão fechadas
com chaves de desamor
grita
tambor
grita
temos sede de vida
e estamos cansados de tanta dor

Tambor II

Tambor
são inúteis nossos *gritos*
silêncio
tambor
neste mundo branco
somos considerados incômodas
manchas negras
apenas
silêncio
tambor de nostalgia
tambor de angústia
tambor de desesperança
silêncio
tambor
ninguém compreende nossa mensagem de dor

Depois de perguntar e ouvir sobre as impressões causadas pela leitura dos dois poemas, sugerimos que seja feita uma segunda leitura, agora pedindo aos estudantes que se coloquem em estado de escuta, ou seja, que fechem os olhos e tentem ouvir o poema com o corpo todo. Nessa leitura, é importante dar destaque aos termos que se repetem no texto — e que aqui estão assinalados em itálico. Esse recurso vocal dará o tom da batida do instrumento ao poema e o ritmo poderá ser sentido no corpo.

Desde aí, pode-se delinear como o ritmo é construído no corpo do texto, sendo materializado, principalmente, nas repetições de certas palavras. Porém, não apenas nelas. Se, como foi visto na pré-leitura, o ritmo é algo natural na vida, ele é também um recurso estilístico que consiste em identificar, no texto, repetições que marcam uma sucessão de intensidades. Isso pode acontecer com palavras inteiras que se repetem ou com partes de

palavras (que provocam as rimas), ou com a sucessão entre sílabas fortes e fracas (tônicas e átonas), ou com a repetição de letras (assonância, no caso das vogais, aliteração, no caso de consoantes), ou ainda com som e silêncio.

Esse recurso, conhecido como ritmo poético, pode ser observado com certa facilidade nesses poemas de Assumpção. Embora a versificação não seja regular, ou seja, com unidades rítmicas iguais no tempo, as palavras *tam/bor*, *gri/to*, *gri/ta* e *na/da* se repetem no primeiro poema como marcações do toque do instrumento, provocando paralelismos e ecos por todo o texto. E esse eco do tambor é tão intenso que ele também estará dentro das palavras *des(t)am(b)or* e *(tan)ta d(b)or*, como uma memória sonora.

E o mais interessante é que essa memória sonora será recuperada no poema “Tambor II”, junto à memória imagética do instrumento que importa ser ressaltada. O tambor, para a cultura africana, não é só um instrumento — metonimicamente, refere-se à dança e ao canto que reúne a comunidade ao redor. O tambor, portanto, tem uma função ritualística que fala mais do que qualquer palavra.

Se a chibata é grito de morte, o tambor é discurso de vida. Eles, os tambores rituais, possuem gramáticas próprias: contam histórias, conversam com as mulheres, homens e crianças, modelam condutas e ampliam os horizontes do mundo. Foram eles que, muitas vezes, expressaram o que a palavra não podia dizer e contaram as histórias que os livros não poderiam contar e as línguas não poderiam exprimir. Os tocadores dos tambores rituais, normalmente preparados para essa função desde crianças, são alfabetizados nos alfabetos da percussão para aprender o toque adequado para cada orixá, vodum ou inquice. Há, portanto, uma pedagogia do tambor feita do silêncio das falas e da resposta dos corpos e fundamentada nas maneiras de ver o mundo sugeridas pelos mitos primordiais. [RUFINO; SIMAS, 2018, p. 58.]

Assim, vemos os tambores de Carlos de Assumpção espalharem-se pelos poemas mesmo quando são evocados pela ausência. Os tambores ausentes ainda ecoam no silêncio, dando o ritmo à batida desses corações que, vivos, acordam aqueles que já silenciaram. Observe como isso ocorre nos poemas abaixo:

Eclipse

[...]

Senhores

Onde estão os meus tambores

Onde estão meus orixás

Onde Olorum

Onde o meu modo de viver

Onde as minhas asas negras e belas

Com que costumava voar

[...]

Senhores

Quero de volta

Os meus tambores

Quero de volta

Os meus orixás

(p. 30)

Amanhecer (anoitecer)

[...]

À procura dos meus tambores

Dos meus tambores guerreiros e festivos

Silenciados de repente

[...]

Meu orgulho

Meus tambores

Meus Deuses

(p. 32-3)

É importante mostrar os paralelismos na construção desses versos. Aqui, nada é aleatório, ou seja, não se trata simplesmente de construir esteticamente uma estrutura paralela para o poema ficar bonito. Quando o autor faz a opção pela repetição, está amarrando as ideias, mais ainda, está amarrando os tempos: o que foi dito antes e o que ele diz agora no tempo da leitura. Essa recuperação está associada à memória e materializa o movimento de retorno ao passado para que nada ali seja esquecido. As retomadas trazem algo do que foi (“onde estão”, “onde estão”) e acrescentam algo de novo (“os meus tambores”, “meus orixás”) para manter o passado vivo.

Os poemas citados são alguns exemplos, e sugerimos que a imagem do tambor seja recuperada também nos demais poemas uma vez, pois em todos os volumes reunidos no livro ela reaparece. A imagem do tambor será o equivalente positivo do grito de liberdade que precisa ser ecoado e convocado: “Tocai tambores tocai” (p. 34).

No decorrer da leitura, os estudantes perceberão que os poemas têm ritmos muito diferentes, alguns curtos e incisivos, como os que vimos antes, outros mais lentos e diluídos sobre a página do papel, como “Que negros somos nós” (p. 68):

Que negros somos nós que nada sabemos dos quilombos
que ensinaram liberdade no país inteiro

Que negros somos nós que nada sabemos das lutas gravadas
com sangue suores e prantos na memória da história
Que negros somos nós que nada sabemos das glórias dos
tempos idos dos horrores sofridos por nossos avós
Que negros somos nós que nada sabemos da linguagem
telegráfica dos *tambores*
[...]

Importa destacar aqui que o ritmo não diz respeito apenas à contagem das sílabas no verso, afinal ele não existe antes do verso. Na verdade, é o verso que resulta de um impulso rítmico. Ele se assenta no ritmo da fala e se executa e se performatiza na estrutura sintática. Assim, quando lemos um poema, sentimos o ritmo daquele corpo que o escreveu e, nele, fazemos morada: nesse poema, por exemplo, o poeta se estende tornando os versos menos enérgicos e mais melancólicos.

O poema imprimido num livro também não oferece senão traços do movimento, somente o discurso poético e não o seu resultado gráfico pode ser apresentado como um ritmo. [...] O movimento rítmico é anterior ao verso. Não podemos compreender o ritmo a partir da linha do verso; ao contrário, compreender-se-á o verso a partir do movimento rítmico. (BRIK, 1973, p. 132.)

O poema “Raízes” (p. 78), escrito em redondilha maior (verso de sete sílabas), também apresenta um ritmo constante entre os versos:

Estou de volta pra casa
Estou de volta a meu lar
A vida aqui tem sentido
Aqui é que é meu lugar.

Mas é comum que os poemas tenham ritmos quebrados, como em “Eu” (p. 117):

Eu
em terras dos meus ancestrais
fui guerreiro
fui rei
fui faraó à sombra das pirâmides
fui nzinga na resistência de angola
fui soldado na libertação de moçambique
fui mandela na guerra pacífica em combate ao apartheid
[...]

Os versos livres exploram o silêncio como recurso expressivo e obrigam o corpo leitor a uma polirritmia que também é própria dos tambores que perpetuam tanto os ritmos cruzados da música africana como a natureza litúrgica e funcional desse instrumento usado para estimulação dos transe e comunicação com a ancestralidade sagrada.

O GRITO: UMA HERANÇA

Quando falamos em ancestralidade, pensamos na herança que recebemos. Quando falamos em herança, nos referimos à marca deixada no mundo, algo que resta e se passa de um para outro. Propor a ideia de herança como chave de leitura desses poemas pode instigar os estudantes, pois também eles são herdeiros de muitas marcas.

Então, a melhor pergunta talvez seja: o que se faz com a herança? Aceita, nega, guarda, depende-se? E mais: toda herança é desejável? E quando a dor também é a herança? Sim, porque à riqueza cultural africana se soma a herança deixada pela escravidão: preconceito, discriminação, branqueamento. Essa herança é uma inscrição sobre o corpo negro e, se participa da esfera privada, também participa da pública. E é nesse espaço público que o grito precisa soar mais enérgico, porque político e de convocação:

Protesto

Mesmo que voltem as costas
Às minhas palavras de fogo
Não pararei de gritar
Não pararei
Não pararei de gritar

Senhores
Eu fui enviado ao mundo
Para protestar
Mentiras ouropéis nada
Nada me fará calar

[...]

[p. 35]

O poema “Protesto” deve impulsionar essa leitura política, pois traz um grito que atravessa o tempo: vindo do passado, se fixa ao presente e se lança ao futuro. Colocar o grito herdado nessa arena social atravessada por discursos que é a instituição literária é, também, fazer política. Afinal, agimos politicamente quando criamos espaços de diálogo

para posicionamentos que levem em conta o bem público, ou seja, todas as diversidades contempladas neste grito.

Vejam os poemas como o grito, mesmo quando não é explicitamente anunciado, se perpetua como ideia também nas páginas do livro: o primeiro poema reproduzido a seguir, “Alma branca”, foi escrito na década de 1960; o segundo, “Não sou preto”, entre 2018 e 2019, ou seja, quase sessenta anos depois. Ainda se trata do mesmo grito, porém, agora bastante fortalecido, uma vez que no último ouvimos em primeiro plano a reafirmação do eu diferente do primeiro, que é muito mais voltado para uma explicação destinada ao outro.

Alma branca

Isso é discriminação
Deixe disso meu irmão
Mesmo quando elogia
Você mostra é prevenção
Pare com isso por favor
Quem já viu a alma algum dia
Pra saber se ela tem cor
(p. 20)

Não sou preto

Não sou preto d'alma branca
Vamos parar com isso meu
A tua pode ser branca
Eu não tenho nada com isso
A minha alma é cor de breu
(p. 150)

A herança, portanto, pode ser o tema principal a ser discutido na leitura de “Quilombo”, no qual essa herança, mista de dor e orgulho, pode ser muito bem representada por poemas que atualizam o sagrado, a ancestralidade festiva, mas também a amargura de uma vida pautada na luta com o outro que o objetifica com seus olhos de fogo:

Presença

É Zum
É Zum
É Zum
É Zumbi
Zumbi de Ogum
Guerreiro de Ogum

Aqui
Na praça na raça
Na reza fumaça
De incenso no ar
No canto de encanto
Na fala na sala
Na rua na lua
Na vida de cada dia
Em todo lugar [...]
(p. 59)

Batuque
(dança afro-tieteense)

Tenho um tambor
Tenho um tambor
Tenho um tambor

Tenho um tambor
Dentro do peito
Tenho um tambor [...]
(p. 61)

Poema do amargo cotidiano

Lá vem o carro de fogo
Cuidado Zé Tambor
Zé Tambor cuidado
Lá vem o carro de fogo
Lá vêm os homens de olhos de fogo
Mãos vermelhas e armas de fogo [...]
(p. 65)

Sugerimos que a leitura de “Protesto” e “Quilombo” (os dois primeiros livros de Assumpção) seja feita em conjunto com todos os estudantes, com parada entre os textos para uma discussão mais pormenorizada. A importância de sua mediação está em fazê-los não somente observar os aspectos estruturais e temáticos que se repetem ao longo dos poemas, mas também em abrir para o diálogo com a cultura negra e orientar para que essa leitura seja sentida pelo corpo.

Para que a questão corporal comece a ficar mais evidente, recomendamos que, nesse momento, assistam a alguns slammers — poetas que se apresentam nos slams (do original *spoken word*, poesia falada).

- Manos e Minas recebe Lucas Koka falando poesia sobre a intolerância religiosa: www.youtube.com/watch?v=P2WBleGXDs.
- Vencedora do Slam Grito (2017), Gabrielly Nunes faz poesia falada abordando a problemática da discriminação da mulher negra: www.youtube.com/watch?v=kZhPvrueFw&t=5s. (Acessos em: 12 dez. 2020.)

Esses dois vídeos podem gerar bastante identificação, pois são jovens reivindicando seus direitos. Aqui eles já estarão preparados para a leitura do posfácio de Alberto Pucheu, cujo final deve ser destacado para os estudantes:

No que diz respeito ao vínculo da poesia de Carlos de Assumpção com a poesia feita hoje no Brasil, eu o destacaria como uma espécie de pioneiro da poesia falada e, portanto, pública, dos múltiplos *slams* provindos das favelas, das comunidades, das quebradas, espalhados pelo país. Eu o colocaria, ainda, antecipando poetas — de intensidade e refinamento — como Tatiana Pequeno, Lubi Prates, Bruna Mitrano, Jarid Arraes, Adelaide Ivánova, Nina Rizzi, Natasha Félix, Elizeu Braga, Danielle Magalhães e tantas outras e outros que fazem poesia ativista, militante, engajada, que escrevem poemas-manifestos, ampliando, e não reduzindo — é bom enfatizar — a força da poesia política de nosso tempo. Eu também o entenderia como um precursor de poetas como Cuti, Miriam Alves, Cristiane Sobral, Akins Kinte, poemas fortemente históricos da cultura negra da poesia brasileira, como os de Edimilson de Almeida Pereira (penso, para dar apenas um exemplo grandioso, em “Caderno de retorno”) e nas performances e nos poemas reversivos dos lugares de poder, como “Conheço vocês pelo cheiro”, de Ricardo Aleixo, por exemplo. [p. 171-2]

O SILÊNCIO COMO ESCUTA EM AÇÃO

Esse foco na influência do poeta — não apenas sobre a juventude negra, mas a toda juventude que tem reivindicações — deve nortear a leitura de “Poemas inéditos”. Aqui, nossa sugestão é que haja um trabalho interdisciplinar com os professores de Arte e Educação Física, e por isso a leitura de “Tambores da noite” e “Protesto e outros poemas” — os volumes intervalares — ficaria a cargo deles, enquanto você, professor de Língua Portuguesa, se concentraria nos poemas mais recentes. Mas, se isso não for possível, você pode dar continuidade à leitura compartilhada, ou individual, conforme sua disponibilidade de tempo.

A ideia é, a partir da leitura do poema “Quem mandou matar Marielle” (p. 155) e “No planalto de Brasília” (p. 153), abrir um espaço democrático para que os estudantes comecem a expressar suas ideias e opiniões sobre o mundo e as relações que vivem. Esse será um espaço criado para que os estudantes expressem suas críticas sociais e se juntem em grupos para verter essas críticas em poemas, com base nos temas tratados em: “Conselho”, “Adivinha”, “Zé Tambor”, “Não sou preto”, “Bala perdida”, “Eu também sou”, “No planalto de Brasília”, “Vim da África” e “Quem mandou matar Marielle?”.

Essa atividade, feita ao mesmo tempo que a leitura dos poemas, será expandida nas atividades de pós-leitura, e tem como objetivo ajudar os estudantes, por meio do diálogo e da produção textual em equipe, a entrar em contato com suas próprias reivindicações políticas, ideológicas e identitárias.

PÓS-LEITURA

Ao final da leitura compartilhada de *Não pararei de gritar*, sugerimos uma atividade que leve os estudantes a produzir um slam. Caso eles ainda não tenham se aprofundado no assunto, apresente-o como uma modalidade de poesia falada, que nasceu nos anos 1980 nos Estados Unidos e que acontece como uma batalha de rimas. Também é considerado um esporte de palavras, com batalhas nacionais e até uma Copa do Mundo disputada por finalistas de diversos países. Você pode pedir aos estudantes que se aprofundem no assunto e façam uma pesquisa.

Para conhecer mais sobre slam, ver:

- um artigo na *Revista Linha D'água*:
www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615;
- uma matéria mostrando uma experiência com slam na escolas:
<https://falauniversidades.com.br/slam-nas-escolas-manifestacao-urbana>.

Além disso, vocês podem assistir juntos ao documentário *Ágora do agora*, do Slam Resistência, Projeto Contemplado no Programa ****VAI 2/2018**:
www.youtube.com/watch?v=9xvcLSj-lCo&pbjreload=101 (acessos em: 30 out. 2020).

Com base nesse percurso, convide-os a apresentar um slam em homenagem ao poeta Carlos de Assumpção. A batalha de slam será feita entre os estudantes da sala, e quem não quiser falar poesia poderá ajudar na preparação dos competidores.

Trabalhar na preparação para o slam ampliará a visão dos estudantes sobre a literatura como lugar de luta pelos direitos humanos, e para isso poderão partir dos direitos que

eles veem negligenciados — consigo próprios e com outras pessoas. Um desses importantes direitos está ligado à diversidade linguística, que também costuma ser um motivo de preconceito.

Nesse momento seria interessante retomar o poema “Bala perdida” (p. 151):

Hoje em dia
Tá fácil tá muito fácil perder a vida
Principalmente gente negra como eu
A gente escapa de acidente de trânsito
Etc. etc.
Cai na bala perdida.

Esse pode ser um bom exemplo para mostrar a presença da oralidade e dos modos naturais e informais da fala que são algumas das características importantes dos poemas falados do slam.

Você pode, inclusive, criar uma Oficina de Escrita para os poemas do slam a partir daqueles que já foram feitos como acompanhamento à leitura dos “Poemas inéditos” de Carlos de Assumpção. Agora, caberia aos estudantes revisar e fazer ajustes nos textos com vistas à apresentação do slam.

A primeira coisa a ser feita será ter em mente as características desse tipo de poema, cuja especificidade é não passar de três minutos:

- Quanto à linguagem: oralidade e informalidade.
- Quanto à sonoridade: musicalidade e rimas.
- Quanto ao tema: questões de identidade e resistência.
- Quanto ao enunciador: voz periférica e marginal, ou seja, vozes cujas reivindicações não estão no centro dos interesses dos governos.

Os estudantes exercerão o protagonismo nessa atividade, pois, além de preparar suas leituras performáticas, escolherão o espaço para o slam. A praça pública é o lugar destinado às batalhas porque essa manifestação tem muito das reivindicações que acontecem nas ruas. Mas também pode acontecer na quadra da escola, num evento que envolva toda a comunidade.

Advirta-os de que não será permitido o uso de música no dia do evento. E que precisarão escolher pessoas da plateia para compor um júri que atribuirá nota de 0 a 10 aos participantes/competidores, conforme estes critérios: a) poema falado; b) desempenho corporal; c) tema abordado; d) receptividade/empolgação da plateia.

Você pode sugerir que, além da apresentação do slam ao vivo, como vimos nos vídeos de Gabrielly Nunes, eles também façam vídeos declamados, como Lucas Koka. O slam

virtual pode ser uma boa opção caso não seja possível fazer um evento presencial. Nesse caso, a preparação do espaço também é importante, pois envolve iluminação, enquadramento e preparação do material em aplicativos disponibilizados gratuitamente. Os vídeos podem ser disponibilizados nas redes sociais da escola. Você pode apresentar alguns vídeos de slammers e incentivar a pesquisa por mais referências. Sugerimos os vídeos de:

- *Projétil de lei*, de Luiza Romão: www.youtube.com/watch?v=cR03shEbgBY.
- *O peso das palavras*, de Tawane Teodoro: www.youtube.com/watch?v=dJa6q6DgLLg.
(Acessos em: 12 dez. 2020.)

PROPOSTAS DE ATIVIDADES II: ESTE LIVRO E AS OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

ARTE E EDUCAÇÃO FÍSICA

Linguagens e suas Tecnologias

COMPETÊNCIA 3: Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

HABILIDADE

(EM13LGG301) Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta suas formas e seus funcionamentos, para produzir sentidos em diferentes contextos.

COMPETÊNCIA 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADE

(EM13LGG603) Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

PRÉ-LEITURA

Propomos um trabalho interdisciplinar entre Língua Portuguesa, Arte e Educação Física, trazendo para a prática dos estudantes a construção de instrumentos de percussão que produzam sons e ritmos diferenciados.

Recomendamos, portanto, que assistam ao documentário *Diário de Naná* (Direção: Pascoal Samora e Daniel Augusto. Brasil, 2005, 60 min. Livre. Informações em: <http://cirandadefilmes.com.br/br/filme/204-Diario-de-Nana->. Acesso em: 3 dez. 2020).

No documentário, acompanhamos o percussionista Naná Vasconcelos pela cidade de Salvador (BA) captando o ritmo da vida na multiplicidade de sons: das ondas do mar, do mercado popular, do trem, do talher que risca o prato, das saudações aos orixás. Com o artista, assim como com o poeta Carlos de Assumpção, vemos que a música é tomada no sentido de reconexão com a ancestralidade.

Assim, a proposta destas atividades vai ao encontro de uma construção artística corporal que envolva o autoconhecimento e, portanto, a busca e o reconhecimento dos sons que podem ser produzidos pelo próprio corpo e que promova a criação de instrumentos de percussão com sucatas. O estudo sobre a percussão é importante por ser a base para o entendimento de melodias e notas musicais.

LEITURA

Recomendamos que os professores de Arte e Educação Física dividam entre si a leitura de “Protesto e outros poemas” e “Poemas Escolhidos”, do livro *Não pararei de gritar*. Para retomar a função do tambor e o ritmo que ele traz à leitura, os professores podem partir dos poemas “Presença” (p. 59) e “Batuque” (p. 61), já lidos nas aulas de Língua Portuguesa.

Para a leitura, deve ser retomado o que diz o percussionista Naná Vasconcelos no documentário: “O primeiro instrumento é a voz. E o melhor instrumento é o corpo”. Para ele, o ritmo nasce da escuta do corpo e sua música vincula-se ao compasso do mundo. Por isso, os estudantes conseguem tirar esses ritmos das palmas, das sucatas, ou simplesmente estalando os dedos. Com base nisso, é importante ler os poemas criando sonoridades possíveis para acompanhamentos das palavras.

PÓS-LEITURA

Para o professor de Arte, as atividades de pós-leitura consistem na confecção de instrumentos de percussão que possam compor uma miniorquestra a ser apresentada no slam em homenagem ao poeta Carlos de Assumpção. Nesse evento, eles devem selecionar alguns poemas trabalhados para serem declamados com acompanhamento dos instrumentos que eles próprios confeccionaram.

Há muitos links na internet que ensinam a fazer instrumentos com sucata. Sugerimos alguns (acessos em: 30 nov. 2020):

- *Tambor e baqueta* (Canal Orquestra de Sucata):
www.youtube.com/watch?v=ye_z5VQPIBQ.

Neste tutorial, a professora Dó Ré Mi ensina como fazer um tambor, um instru-

mento musical de percussão que reproduz o som por meio de impacto, raspagem ou agitação, com ou sem o auxílio de baquetas.

- *7 instrumentos reciclados supersimples feitos de garrafa pet:*

www.youtube.com/watch?v=KKCs-EwbsPc.

Nesse vídeo, Marcelo Serralva ensina como fazer diferentes instrumentos com material reciclável.

Enquanto isso, o professor de Educação Física poderá trabalhar com oficinas de percussão corporal para preparar uma apresentação no evento de slam com a leitura de poemas selecionados acompanhados de percussão corporal. Sugerimos alguns vídeos para inspirá-lo (acessos em: 30 nov. 2020):

- *Samba Lelê — Tum Pá* (Barbatuques): **www.youtube.com/watch?v=Tz7KROhuAw**.

O grupo usa o corpo como instrumento musical explorando técnicas de percussão corporal, percussão vocal, sapateado e improvisação musical.

- *Gumboot Dance*: **www.youtube.com/watch?v=uuSuKKFzaho**.

A técnica africana do gumboot está relacionada à experiência dos mineiros africanos do século XIX e à sua luta e sobrevivência.

LÍNGUA INGLESA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 4: Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.

HABILIDADE

(EM13LGG403) Fazer uso do inglês como língua de comunicação global, levando em conta a multiplicidade e variedade de usos, usuários e funções dessa língua no mundo contemporâneo.

PÓS-LEITURA

Sugerimos que o professor de Língua Inglesa faça um trabalho interdisciplinar com Língua Portuguesa, Arte e Educação Física, trazendo a influência da música negra no Brasil e no mundo e a contribuição do povo africano na diversidade rítmica, nas danças e nos instrumentos. Sabe-se que o reggae, originado na Jamaica, mistura ritmos africanos

como o ska e o calipso, assim como o blues, criado pelos escravos afro-americanos nos Estados Unidos da América, ou o jazz, herança religiosa afro-americana. Isso aconteceu também com o funk, o rhythm and blues, o soul, o rock and roll, o rap e o samba brasileiro.

É recomendável que o professor escolha as músicas que mais agradem à turma para conversar sobre o ritmo e as letras. Sugerimos a retomada do poema “Minha luta” (p. 93) em associação com algumas músicas:

Saibam que minha luta
Está enraizada nas lutas dos meus avós
E também saibam que minha luta
Não é só minha
É luta de todos nós

Ontem lutaram comigo nos quilombos
Índios e brancos pobres irmãos explorados também
Meu quilombo de hoje
Não é diferente dos quilombos do passado
Nas lutas contra injustiça
Nas lutas contra discriminação
Ninguém pode ser
Injustiçado
Discriminado

Quem ame realmente a liberdade
Quem realmente seja irmão
Quem tenha realmente amor no peito
Me dê a mão
Junte-se à minha voz
Que meu quilombo de hoje amigos

É igual aos quilombos do passado
É quilombo de todos os oprimidos
É quilombo de todos os explorados
É quilombo aonde todos são bem-vindos
É quilombo de todos nós

Entre essas canções, pode ser interessante trazer um videoclipe de Michael Jackson, da música “They Don’t Care About Us” (Brazil Version): www.youtube.com/watch?v=QNJL6nfu_Q,

associado também à versão “This Is It — They Don’t Care About Us — Dancing Inmates HD”, na qual há uma coreografia feita pelos internos no Centro de Detenção e Reabilitação das Filipinas: https://www.youtube.com/watch?v=mKtdTJP_GUI&list=RDmKtdTJP_GUI&start_radio=1.

A ideia é refletir sobre a tradução da letra das músicas e sobre o conteúdo do poema, discutindo sobre os ritmos que os atravessam.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 2: Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.

HABILIDADE

(EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

HABILIDADE

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

HABILIDADE

(EM13CHS603) Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).

PÓS-LEITURA

A proposta de um trabalho interdisciplinar com a obra *Não pararei de gritar* e as aulas de Língua Portuguesa tem como objetivo lançar um olhar mais apurado para o processo de diáspora africana no Brasil. O professor de Geografia, com base nos temas curriculares sobre espaço e territorialidade, pode focar no deslocamento dos negros da África ao Brasil e na movimentação dessa população ao longo dos tempos. Já o professor de História pode se deter na historiografia com foco na constituição dos quilombos e nos processos de resistência.

Recomendamos a leitura de dois fragmentos sobre a diáspora:

A diáspora africana é o nome dado a um fenômeno histórico e social caracterizado pela imigração forçada de homens e mulheres do continente africano para outras regiões do mundo. Esse processo foi marcado pelo fluxo de pessoas e culturas através do Oceano Atlântico e pelo encontro e pelas trocas de diversas sociedades e culturas, seja nos navios negreiros ou nos novos contextos que os sujeitos escravizados encontraram fora da África.

Para pensar a diáspora africana é preciso destacar as regiões portuárias. Tais regiões marcaram a entrada desses indivíduos em novos mundos, e por serem locais de chegada, eram também marcados pelo contato e pela mistura de diferentes realidades.

Os números são bastante relevantes nesse contexto. Foram aproximadamente doze milhões de africanos trazidos às Américas, e destes, 40% desembarcaram no Brasil, marcando a história do país pela diversidade cultural, étnica e social. (ANDRADE, 2017.)

O Atlântico é uma gigantesca encruzilhada. Por ela atravessam sabedorias de outras terras que vieram imantadas nos corpos, suportes de memórias de experiências múltiplas que lançadas na via do não retorno, da desterritorialização e do despedaçamento cognitivo identitário, reconstruíram-se no próprio curso, no transe, reinventando a si e ao mundo. O colonialismo se edificou em detrimento daquilo que foi produzido como sendo o seu outro. A agenda colonial produz a descredibilidade de inúmeras formas de existência de saber, como também produz a morte, seja ela física, através do extermínio, ou simbólica, através do desvio existencial. (RUFINO; SIMAS, 2018, p. 11)

No fim, os professores podem pedir um texto argumentativo, com referências sobre os assuntos destacados nas aulas. Nesse texto, os estudantes devem se posicionar e propor uma ação efetiva para que os negros se sintam acolhidos, pertencentes e seguros no Brasil, relacionando de forma coerente e coesa argumentos, fatos e dados pesquisados.

SOCIOLOGIA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

HABILIDADES

(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.

PRÉ-LEITURA

Propomos que, nas aulas de Sociologia, seja criada uma Oficina de Lambe-lambe e Cartazes para os estudantes produzirem peças que sejam coladas nas ruas e também sejam expostas no evento de slam. Para isso, sugerimos que assistam ao breve documentário *Lambe-lambe: de peça publicitária a elemento de arte urbana* (direção: Dávila Oliveira e Enedina Luna, 15min59s): www.youtube.com/watch?v=KXhZatQ47ro&feature=emb_logo (acesso em: 12 dez. 2020).

LEITURA

A ideia aqui é ler o livro *Não pararei de gritar* dando atenção especial a certos poemas, como “Quem mandou matar Marielle” (p. 155), que é altamente conectado às reivindicações de nosso tempo. Podem-se destacar dele versos que tenham independência, ou seja, que possam fazer sentido quando lidos de forma avulsa. E depois realocar esses versos de forma diferente para construir outro sentido completo. Vejamos:

Quem mandou matar Marielle

Quem mandou matar Marielle

A nossa nova Dandara

Quem mandou matar Marielle
A enviada de Ogum

Quem tem ceifado tantos sonhos
Quem tem coberto todo o país
Com tantas mortes sem explicação
Quem tem matado tanta gente inocente e culpada

Há no ar silêncio enorme
Não há nenhuma resposta
Será que a justiça dorme
Ou a justiça está morta

1. Quem mandou matar Marielle/ A nossa nova Dandara
2. Quem mandou matar Marielle/ A enviada de Ogum
3. Há no ar silêncio enorme/ Será que a justiça dorme
4. Não há nenhuma resposta/ Ou a justiça está morta

PÓS-LEITURA

Depois de fazerem essas composições, a proposta é que os estudantes imprimam esses cartazes sem esquecer de atribuir a autoria a Carlos de Assumpção e indicar o livro *Não pararei de gritar*. Para a confecção dos lambes, sugerimos a leitura do artigo “Lambe-lambe no muro e uma ideia na cabeça”, do Catraca Livre: <https://catracalivre.com.br/cidadania/lambe-lambe-no-muro-e-uma-ideia-na-cabeca/> que, além de falar sobre essa arte também indica como fazer a cola utilizada nesse processo.

FILOSOFIA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

HABILIDADE

(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.

PRÉ-LEITURA

Partindo do fato de que Carlos de Assumpção também é leitor e de que, como tal, pode ler a representação do negro em outros autores brancos, a proposta é, nas aulas de Filosofia, discutir as diferentes formas de representação na arte, lançando luzes sobre elas: aquela na qual se é representado e aquela na qual se apresenta. Isso é importante para entender a reivindicação do negro pelo “lugar de fala”, pois ele sempre se vê representado na fala do branco, que tem garantido o poder de falar pelo outro. Para pôr esse conceito em discussão, sugerimos que o professor de Filosofia exiba aos estudantes:

- o vídeo *Curta! Livros — O que é lugar de fala?*:
www.youtube.com/watch?v=S7VQ03G2Lpw.
- o podcast também de Djamila Ribeiro sobre o mesmo assunto:
www.youtube.com/watch?v=SSaSfc4eJCQ. (Acessos em: 12 dez. 2020.)

LEITURA

Sugerimos fazer a leitura compartilhada de “Prece” (p. 67):

Prece

Castro Alves que estais no céu
santificado também seja o vosso nome
Olhai por nós agora e sempre do além
Estendei as mãos sobre a cidade
Acendei a chama da liberdade
do amor da fraternidade
como vossos versos ensinado têm
Rumo às alturas às estrelas
guiai nossos passos Castro Alves
agora e sempre por todo o sempre
Amém

Em “Prece”, Carlos de Assumpção retoma outro poeta importante que, diferentemente dele, vem compondo o cânone da literatura brasileira. Por isso, é recomendável ler também alguns fragmentos do “O navio negreiro”, de Castro Alves (1847-71), tendo em vista o modo como ele representou o negro em sua obra (ALVES).

IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.

Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

PÓS-LEITURA

Ao final da discussão sobre a relação entre os textos, ler o fragmento de um poema da jovem autora negra Lubi Prates. Assim como Carlos de Assumpção em seu poema “Quem matou Marielle?”, ela faz uma relação com eventos retirados do real: neste caso, uma notícia de jornal incorporada ao texto.

A partir disso, pedir aos estudantes que se posicionem sobre o que entenderam sobre o conceito de lugar de fala.

[...]
Ele não me viu com a roupa da escola, mãe?
Marcos Vinícius da Silva, 14 anos
assassinado pela Polícia Militar do Rio de Janeiro

e ainda que
eu trouxesse

para este país

meus documentos
meu diploma

todos os livros que li
meus aparelhos eletrônicos ou
minhas melhores calcinhas

só veriam
meu corpo

um corpo
negro

[PRATES. 2018, p. 27]

APROFUNDAMENTO: ANÁLISE ESTÉTICA E CRÍTICA DA OBRA

Durante as aulas de Língua Portuguesa, falamos bastante sobre ritmo, mas aqui cabe um breve retorno ao conceito para enfatizar que o ritmo que atravessa a poesia de Carlos de Assumpção está intimamente ligado à sua história e à história de todo um povo. Portanto, apesar da inevitável associação entre ritmo e métrica, uma vez que ela ajuda na construção da regularidade, o ritmo do poema é algo mais amplo e não se submete à metrificação, mas sim à vida.

O ritmo é mais do que a medida, mais do que o tempo dividido em porções. A sucessão de pausas revela uma intenção. O ritmo provoca, desperta saudade. Se interrompido, sentimos um choque [...]. Assim, o ritmo não é exclusivamente uma medida de conteúdo vazio, mas um sentido, um significado. (PAZ, 1972, p. 13.)

Por isso, é preciso olhar o silêncio como componente extremamente significativo na construção de sentido do texto. O verso livre, as pausas e os cortes valorizam o silêncio na mensagem e adensam significação à leitura. E, como leitores, devemos estar atentos a esses procedimentos para não falsearmos o corpo do poema, respeitando as escolhas do poeta e as marcas que o individualizam.

Não à toa, Henri Meschonnic, no livro *Linguagem: ritmo e vida* (Belo Horizonte: Fale/Editora da UFMG, 2006), enfatiza a respiração de um texto, que é dada pela pontuação e sua forma de espaçamento. Para esse estudioso da tradução, quando colocamos nossa respiração dentro das marcas de respiração deixadas no poema, estamos mantendo vivo seu autor — de modo tal que a performance realiza uma “ética poética”, ou uma ética da vida.

O poema “Branqueamento” (p. 124) é um bom exemplo de que, se cada ritmo implica uma visão específica de mundo, a construção rítmica desse texto é carregada do sentido de sabedoria, muito mais do que de vitimização pela discriminação. É um corpo forte que reconhecemos no ritmo dessa leitura:

ei brancos brasileiros
ei latino-americanos
vocês estão carimbados
é muito tarde
pra voltar atrás
por aqui
a coisa talvez funcione

lá fora
não tem esse negócio
de purificação
de raça não
lá fora
é pão pão queijo queijo
é queijo queijo pão pão
esse artifício não pega
lá fora
com certeza
vocês vão quebrar a cara

Na estrutura do poema está incluída uma interpelação ao outro, que não se faz num contínuo, mas com cortes. O ritmo se dá no jogo entre figura e fundo, entre som (figura) e silêncio (fundo), mas acontece que esse silêncio é ativo, pois integra a estrutura do poema: a cada corte, o branqueamento se faz na página, porém logo é invadido de novo pela cor e pelo som das letras: “vocês vão quebrar a cara”.

Segundo a pesquisadora Lilia Mortiz Schwarcz,

[...] no caso brasileiro, a mestiçagem e a aposta no branqueamento da população geraram um racismo à la brasileira, que percebe antes colorações do que raças, que admite a discriminação apenas na esfera privada e difunde a universalidade das leis, que impõe a desigualdade nas condições de vida, mas é assimilacionista no plano da cultura. É por isso mesmo que no país seguem-se muito mais as marcas de aparência física, que, por sua vez, integram status e condição social, do que regras físicas ou delimitações geracionais. (1998, p. 35-6.)

Os versos livres são as marcas de um corpo que se movimenta livremente pela página, e a escritura é marcada por pausas que nos obrigam a silenciar ao final de cada verso e a deixar vir o não dito, que é onde a experiência se manifesta. É como se sentíssemos o peso do silêncio e quase pudéssemos ver o poeta meneando a cabeça ao final dos versos, incorporando-os de performance e oralidade. É no ritmo, então, que podemos saber/sentir a sabedoria daquele que experimentou a discriminação e sabe o suficiente para aconselhar.

Mas só experimentamos isso se obedecermos ao movimento desse corpo textual. Se lermos do outro jeito, mesmo que seja o nosso, estaremos repetindo as palavras do autor; mas se lermos do jeito dele, com a respiração dele, estaremos pelo tempo da leitura ocupando um corpo que não é nosso e, por isso, entendendo de forma sensível

os sentidos produzidos por ele. De certa forma, experimentamos também certo lugar de fala.

“Quem pode falar?”, “O que acontece quando nós falamos?” e “Sobre o que nos é permitido falar?”. Esses questionamentos são fundamentais para que possamos entender lugares de fala. Dentro desse projeto de colonização, quem foram os sujeitos autorizados a falar? O medo imposto por aqueles que construíram as máscaras serve para impor limites aos que foram silenciados? Falar, muitas vezes, implica em receber castigos e represálias, justamente por isso, muitas vezes prefere-se concordar com o discurso hegemônico como modo de sobrevivência? E, se falamos, podemos falar sobre tudo ou somente sobre o que nos é permitido falar? Numa sociedade supremacista branca e patriarcal, mulheres brancas, mulheres negras, homens negros, pessoas transexuais, lésbicas, gays podem falar do mesmo modo que homens brancos cis heterossexuais? Existe o mesmo espaço de legitimidade? (RIBEIRO, 2017, p. 77.)

E isso é a construção de uma ética, porque essa “experimentação” é muito diferente de “ocupação”: experimentar o corpo vivo não nos dá mais o direito de falar *por ele*, uma vez que sentimos sua respiração junto com a nossa, e nos torna consciente da necessidade de falar *com ele*.

Nas atividades propostas para Filosofia, esses lugares de fala foram sentidos nas leituras de Assumpção, Castro Alves e Lubi Prates e podemos ver que, se esses poetas dizem coisas semelhantes, cada um tem seu modo de dizer. Isso significa que leitores brancos nunca poderão entender questões e dilemas negros se lerem apenas Castro Alves clamando pela libertação dos escravos, ou autores brancos falando sobre a cultura negra. E, por muito tempo, os escritores que frequentaram o cânone da literatura brasileira, ou os teóricos que embasaram os estudos de diferentes áreas do saber, foram brancos e europeus. Seus saberes eram considerados universais, calando dessa forma a voz negra.

De acordo com Djamila Ribeiro (2017, p. 31):

Essa insistência [das pessoas brancas] em não se perceberem como marcados em discutir como as identidades foram forjadas no seio de sociedades coloniais, faz com que pessoas brancas, por exemplo, ainda insistam no argumento de que somente elas pensam na coletividade; que pessoas negras, ao reivindicarem suas experiências e modos de fazer político e intelectuais, sejam vistas como separatistas ou pensando somente nelas mesmas. Ao persistirem na ideia de que são universais e falam por nós todos, insistem em falarem pelos outros, quando, na verdade, estão falando de si ao se julgarem universais.

Por isso, *Não pararei de gritar* é um livro que contribui efetivamente para a fruição e a formação leitora tanto de jovens como de adultos, porque os coloca diante de uma experiência estética singular, que se dá por meio de uma experimentação com os sentidos produzidos na materialidade da escritura poética. Se o ritmo depende do sentido, no caso desse livro o sentido é o grito de liberdade contra toda a violência, o genocídio e o epistemicídio da população negra.

Epistemicídio é um conceito que diz respeito à destruição de formas de conhecimento e culturas que não são assimiladas pela cultura do Ocidente branco. Segundo Sueli Carneiro, “a branquitude, enquanto sistema de poder fundado no contrato racial, da qual todos os brancos são beneficiários, embora nem todos sejam signatários, pode ser descrita no Brasil por formulações complexas ou pelas evidências empíricas como no fato de que há absoluta prevalência da brancura em todas as instâncias de poder da sociedade: nos meios de comunicação, nas diretorias, gerências e chefias das empresas, nos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, nas hierarquias eclesásticas, no corpo docente das universidades públicas ou privadas etc.”. Sendo assim, não é difícil entender como se dá essa destruição de saberes e culturas. (CARNEIRO, 2014.)

Trazer, portanto, esse livro para os jovens do Novo Ensino Médio é possibilitar uma experiência sensível e intelectual que está em consonância com as demandas da atualidade. Os jovens negros ainda enfrentam problemas no que se refere ao assédio moral e físico, e presenciam toda forma de violência; por isso, entrar em contato com uma visão afirmativa da negritude por meio do livro *Não pararei de gritar* e do trabalho pedagógico em torno dele trará, sem dúvida, grandes benefícios à vida futura. Para os jovens brancos, entrar em contato com uma poética da vida, serem atravessados pela diferença e pelo convívio democrático dentro e fora da escola, reconhecendo que seu lugar de fala — da branquitude — é mais um lugar e não o único, pode trazer mudanças sociais que apontem para um futuro mais igualitário.

É importante destacar que a branquitude é um lugar estrutural, desde o qual o indivíduo branco vê os outros e vê-se a si numa posição de poder, num lugar confortável no qual pode falar sobre o outro com base em referências que considera universais. De acordo com a pesquisadora Lia Vainer Schucman, a branquitude, diferentemente do racismo que ocorre na relação entre brancos e negros, acontece ao longo da vida da pessoa branca, relacionada a um papel assumido de superioridade:

É próprio da branquitude achar que racismo é problema dos negros. É difícil para as pessoas reconhecerem sua herança branca, entenderem que chegaram a determinado lugar por serem brancas [...] A branquitude é sempre um lugar de vantagem estrutural do branco em sociedades estruturadas pelo racismo, ou seja, todas aquelas colonizadas pelos europeus, porque a ideia de superioridade surge ali e se espalha via colonização. Dessa forma, colocam as definições vindas da branquitude como se fossem universais. O que chamamos de História Geral, por exemplo, deveria ser chamada de História branco-europeia. (FARIAS, 2019.)

Não pararei de gritar é um livro que requer inteligência e sensibilidade do leitor, que precisa entender esses conceitos que neste material buscamos trazer para o cotidiano escolar, com o corpo todo. Desde aí o foco numa construção de saberes sensíveis: poesia, música, arte gráfica, expressão corporal e debates — tudo que colocasse corpos em movimento. Tudo que transformasse o ritmo da vida.

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- Performance do livro *Não pararei de gritar*, com Carlos de Assumpção. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=nNBM26LNHnl. Acesso em: 29 nov. 2020.
Nesta live que abre as #JornadasAntirracistas, Carlos de Assumpção faz uma performance com leitura de poemas de seu livro. Com mediação de Paulo Sabino, também poeta, coordenador e curador do selo de poesia Bem-Te-Li, da editora Autografia. E apresentação de Débora Medeiros, da editora que publicou seu livro.
- Documentário: *Carlos de Assumpção: protesto*. Filme de Alberto Pucheu. Brasil, 83 min. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=HQrg40wL2qM. Acesso em: 29 nov. 2020.
O vídeo traz as memórias, as histórias, as críticas do poeta em entrevistas feitas pelo estudioso Alberto Pucheu.
- Museu Afro Brasil. Disponível em: www.museuafrobrasil.org.br. Acesso em: 9 nov. 2020.
O museu, situado no Parque Ibirapuera em São Paulo, destaca a perspectiva africana na formação do patrimônio, da identidade e da cultura brasileira, celebrando a memória, a história e a arte brasileira e afro-brasileira. É possível fazer visita virtual.
- Palestra: *Qual o lugar do branco na luta antirracista?*. Com Lia Vainer Schucman. TEDxFloripa, 3 abr. 2020. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=q6tSIHzpFTc. Acesso em: 9 dez. 2020.
Lia Vainer Schucman é psicóloga social e ativista antirracista e neste TED traz provocações sobre os privilégios simbólicos e materiais da branquitude, convidando-nos a refletir sobre a responsabilidade e o lugar do branco na luta antirracista. Professora na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pesquisadora de Psicologia e Relações Étnico-raciais, é referência nos estudos sobre branquitude.
- Vídeo: *Como surgiram os heróis? Jornadas heroicas*. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=iUoKXQ3TnOg&feature=youtu.be. Acesso em: 9 dez. 2020.
O intelectual Silvio de Almeida apresenta as figuras heroicas que ocupam um lugar mítico no nosso imaginário. Para isso, discute o conceito de “herói”, definido como um homem extraordinário que se destaca por seus feitos guerreiros e por seu valor ou magnanimidade, trazendo reflexões sobre a representatividade negra. Ele se pergunta: onde estão os heróis negros?

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/Consed/ Undime, 2018.

A BNCC é o documento norteador dos currículos dos sistemas e redes de ensino, como também das propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil. A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica.

DALCASTAGNÈ, Regina. “Imagens da mulher na narrativa brasileira”. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, v. 15, 2007. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3267. Acesso em: 6 nov. 2020.

O artigo traz uma extensa pesquisa que mapeou todos os romances brasileiros publicados pelas três editoras mais importantes do país entre os anos 1990 e 2004, discutindo a representação das personagens femininas, tanto em obras de escritoras mulheres como de escritores homens.

PIGNATARI, Décio. *O que é comunicação poética*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2006.

Neste livro elementar para o estudo da poesia, o autor aproxima a linguagem poética das artes visuais e da música. Pignatari apresenta considerações fundamentais para a leitura das estruturas poéticas, dando margem à criatividade do leitor.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

Neste livro, a filósofa se propõe a apresentar ao grande público questões referentes aos mais diversos feminismos, de forma didática e acessível. Para isso, promove uma discussão importante sobre a vulnerabilidade das mulheres negras, como o encarceramento, o racismo cultural e a branquitude, sustentando que o conceito de lugar de fala ajuda a compreender que as palavras não são construções inocentes, mas representações coletivas que atravessam as experiências individuais do autor.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

O livro apresenta abordagens interessantes sobre a educação com base em presenças, saberes e gramáticas subalternizadas pelo colonialismo, problematizando os ataques sobre a diversidade cultural e fazendo justiça a outras experiências sociais em favor da vida, da dignidade, do bem viver e da justiça cognitiva e social. É um exercício de disponibilidade filosófica e pedagógica, de giros enunciativos, políticos e epistemológicos necessários para a descolonialidade do ser/saber.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

A pergunta da escritora indiana Gayatri Chakravorty Spivak já se abre à discussão: o subalterno pode falar, no sentido de estar permitido; ou pode falar no sentido de ter capacidade para isso? No decorrer desse ensaio, estabelece uma análise crítica acerca da postura de outros pensadores, como Gilles Deleuze, Michel Foucault e Jacques Derrida.

OBRAS CITADAS

- ALVES, Castro. “O navio negreiro”. In: *Portal Domínio Público*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf. Acesso em: 12 dez. 2020.
- ANDRADE, Ana Luíza Mello Santiago de. “Diáspora africana”. *Info Escola*, apud *Portal Geledés*, 14 fev. 2017. Disponível em: www.geledes.org.br/diaspora-africana. Acesso em: 4 nov. 2020.
- BRİK, O. “Ritmo e sintaxe”. In: EIKHENBAUM et al. *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Editora Globo, 1973.
- CARNEIRO, Sueli. “Epistemicídio”. In: *Portal Geledés*, 4 set. 2014. Disponível em: www.geledes.org.br/epistemicidio. Acesso em: 5 nov. 2020.
- FARIAS, Erika. “Pesquisadora explica conceito de branquitude como privilégio estrutural”. In: *Agência Focruz de Notícias*, 17 maio 2019. Disponível em: <https://agencia.focruz.br/pesquisadora-explica-conceito-de-branquitude-como-privilegio-estrutural>. Acesso em: 5 nov. 2020.
- PAZ, Octavio. “Verso e prosa”. In: *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- PRATES, Lubi. “Para este país”. In: *Um corpo negro*. São Paulo: nosotros, 2018. Citado em: <https://revistacult.uol.com.br/home/poesia-luto-e-luta>. Acesso em: 12 dez. 2020.
- PUCHEU, Albert. “O grito como herança”. *Revista Cult*, 3 mar. 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-grito-como-heranca>. Acesso em: 30 nov. 2020.
- SCHWARCZ, Lilia M. “Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade”. In: NOVAIS, Fernando A. (dir.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da vida contemporânea*. vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.